



PODER / Presidente faz, em Brasília, evento de divulgação dos resultados dos dois anos de mandato, na tentativa de contornar impopularidade. Sidônio afirma que responsabilidade de superar má avaliação da gestão petista é de todos os ministérios

Para reverter queda, Lula exibe ações do governo

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva apostou, ontem, em um evento curto de autopromoção do governo e focado na divulgação de resultados para tentar reverter o derretimento de sua popularidade, medido por pesquisas. Organizada pela Secretaria de Comunicação Social (Secom), a solenidade dispensou a presença de ministros no palco e os costumes — longos — discursos de integrantes do Executivo e aliados. Deu destaque a vídeos institucionais e depoimentos de pessoas que se beneficiaram de programas sociais. Mesmo Lula, afeito a discursar de improviso, leu sua fala e ficou menos de nove minutos no púlpito.

“O Brasil era uma casa em ruínas. Uma terra arrasada. Em apenas dois anos de muito trabalho, nós arrumamos a casa”, declarou o presidente. Ele destacou dados como o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), de 3,4% no ano passado; o nível de desemprego de 6,2% em dezembro, o menor em 12 anos; e os resultados de programas como Bolsa Família e Pé-de-Meia.

Lula também assinou novas medidas, como o repasse de R\$ 18 bilhões do Fundo do Social do Pré-Sal para ampliar o Minha Casa Minha Vida e a antecipação do pagamento do 13º para aposentados e pensionistas do INSS.

“Novos anúncios estão chegando. O Minha Casa Minha Vida passará a beneficiar também a classe média. Com a atualização do programa Celular Seguro, o governo vai aumentar a proteção dos cidadãos contra o roubo desses aparelhos e fortalecer o enfrentamento ao crime organizado. Vem aí a TV 3.0, sistema que vai fazer o casamento definitivo da TV aberta com a internet”, frisou. O evento contou com a participação de quase todos os ministros de Estado, líderes do governo no Congresso e parlamentares aliados, assim como representantes de movimentos sociais.

O governo federal busca soluções para reverter o derretimento da popularidade de Lula. Pesquisa Genial/Quaest, divulgada na quarta-feira, mostrou que a

Ricardo Stuckert/PR



A solenidade do presidente Lula no Centro de Convenções Ulysses Guimarães reuniu ministros, parlamentares e representantes de movimentos sociais

Menção ao Congresso

O presidente Lula disse que o Brasil teve governos com “ampla maioria” no Congresso que, segundo ele, não conseguiram aprovar a mesma quantidade de projetos que a gestão dele. “Quero agradecer aos deputados e senadores que tanto no Senado quanto na Câmara são responsáveis por apoiar possivelmente a maior quantidade de projetos aprovados por um governo em apenas dois anos. O Brasil já teve presidentes com ampla maioria no Congresso que não conseguiram aprovar a quantidade de coisas que conseguimos aprovar”, frisou.

reprovação do presidente atingiu 56%, ultrapassando pela primeira vez a marca dos 50%. É o pior índice dos três mandatos.

O Planalto aposta que melhorar a divulgação dos programas sociais ajudará a reverter a tendência de queda, mas o governo enfrenta problemas estruturais com a alta inflação dos alimentos, o preço dos combustíveis e a adoção de medidas impopulares, como a taxaço sobre compras importadas de até US\$ 50.

Responsabilidade

Em coletiva de imprensa após a solenidade, o ministro da Secom, Sidônio Palmeira, chegou a desviar de perguntas sobre a queda de popularidade do presidente, mas depois atribuiu a responsabilidade de reverter-lá a todos os ministérios, não apenas à Comunicação.

“Não tem nada de eu me isentar da impopularidade. Zero. Acho que a impopularidade tem responsabilidade de todos

os ministros, de todas as áreas, a área política, gestão, comunicação, todo mundo”, respondeu, ao ser questionado sobre a queda na avaliação de Lula. “E que isso já vem de algum período, ou de agora, isso não tem absolutamente nenhum problema. Estou ministro para demonstrar e fazer para a população”, acrescentou.

O ministro também negou que o evento de autopromoção do governo tenha adotado um tom eleitoral. “Acho que é uma leitura errada. O principal objetivo é divulgar as ações do governo, mostrar para a população quais são os serviços que têm pela frente, que ela possa usar os serviços, tem alguma coisa de errado nisso? Tem alguma coisa a ver com campanha política?”, indagou Sidônio, que fez carreira como marqueteiro fora do poder público.

» LEIA MAIS sobre os anúncios do governo na página 10



O Brasil está no rumo certo, gerando renda e oportunidades para quem quer melhorar de vida, cuidando de todas as pessoas, sobretudo das que mais precisam. Este é o Brasil que estamos construindo. O Brasil do futuro”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

» Lula lidera 2º turno contra todos os rivais

Pesquisa Genial/Quaest sobre a eleição presidencial de 2026, divulgada ontem, mostra que o presidente Lula lidera a disputa contra todos os potenciais candidatos da direita em cenários de segundo turno. Contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que está ineleável até 2030, o petista está em vantagem, mas empatado no limite da margem de erro, de dois pontos percentuais. Lula tem 44% das intenções de voto, enquanto Bolsonaro aparece com 40%. Outros 3% estão indecisos e 13% disseram que pretendem votar em branco ou nulo, ou se ausentar do pleito. O instituto fez entrevistas presenciais com 2.004 eleitores de 120 municípios entre 27 e 31 de março. O índice de confiabilidade é de 95%.

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Lula mantém favoritismo apesar da perda de popularidade

O filósofo e general chinês Sun Tzu (544-496 a.C.) foi um estrategista militar do Rei Hu Lu, que escreveu *A Arte da Guerra*, um tratado militar no século IV a.C. O primeiro imperador da China unificada, Qin Shi Huang, inspirou-se na obra para pôr fim ao Período dos Reinos Combatentes. O livro foi introduzido no Japão por volta do ano de 760, sendo adotado pelos daimyos (senhores feudais) Oda Nobunaga (1534-1532) e Toyotomi Hideyoshi (1537-1598) e pelo shogun Tokugawa Ieyasu (1543-1516).

O famoso almirante Togo Heihachiro, que liderou a vitória do Japão na Guerra contra a Rússia, de 1904 e 1905, era ávido leitor de Sun Tzu. Mao Tsé-Tung

atribuiu parte da sua vitória sobre Chiang Kai-shek e o Kuomintang em 1949 à *Arte da Guerra*. O livro também foi adotado por Vo Nguyen Giap na Guerra do Vietnã, depois de traduzido por Ho Chi Min. Não por acaso os generais Norman Schwarzkopf e Colin Powell puseram em prática os princípios de Sun Tzu na Guerra do Golfo: engano, velocidade e ataque aos pontos fracos do inimigo. O livro é estudado nas academias militares norte-americanas.

Dos ensinamentos da obra de Sun Tzu, talvez o que mais se aplique ao atual momento em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se encontra seja aquele no qual o estrategista chinês afirma: “Derrotar o inimigo em cem batalhas não é a excelência suprema;

a excelência suprema consiste em vencer o inimigo sem ser preciso lutar”. É o que mostra a pesquisa Genial/Quaest sobre os cenários eleitorais de 2026, na qual Lula aparece em empate técnico com Bolsonaro, 44% a 40% de intenções de votos. Entretanto, o ex-presidente está ineleável.

Num cenário em que a popularidade de Lula está em queda, a pesquisa preserva uma expectativa de poder sem a qual o líder petista seria um pato manco. Para 62% dos entrevistados, Lula não deveria disputar a reeleição, um aumento de 10 pontos percentuais em relação à pesquisa realizada em janeiro.

A vantagem de Lula se ancora no sentimento de rejeição a Bolsonaro: 44% têm mais medo da

sua volta ao poder, contra 41% que temem a continuidade do governo Lula. O mesmo sentimento que decidiu o segundo turno das eleições de 2022.

A realidade é que a eleição está aberta. A maioria dos eleitores (80%) ainda não tem um nome preferido para 2026. Na pesquisa espontânea, apenas três nomes ultrapassaram 1% das menções: Lula (9%), Bolsonaro (7%) e Tarcísio de Freitas (1%) — mesmo percentual de “outros” nomes. Na consulta induzida, o adversário mais forte contra Lula seria o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), com 15% das preferências. Supera Michelle Bolsonaro (PL), com 14%, e Eduardo Bolsonaro (PL), com 4%.

Simulações

No segundo turno, a rigor, todos os possíveis adversários de Lula se tornam competitivos. Sem Bolsonaro, a vantagem de

Lula contra Michelle Bolsonaro é de seis pontos percentuais (44% x 38%); contra Tarcísio de Freitas, também (43% x 37%).

De janeiro a março, Tarcísio saiu de 34% para 37%. Lula ficou estável (43%) no período. Sua vantagem era de 9 pontos. A diferença para Ratinho Jr. é de 7 pontos (42% x 35%). Na simulação entre Lula e o governador de MG, Romeu Zema, a distância diminuiu um pouco mais: 43% x 31%. A vantagem de Lula caiu de 17 para 12 pontos. Para Pablo Marçal (44% x 35%), está em 9 pontos; Eduardo Bolsonaro (45% x 34%), 10 pontos. Para Caiado, diminuiu 5 pontos (44% x 30%), ou seja, caiu para 14 pontos.

A verdade é que a desaprovção ao governo tem impactado a imagem de Lula. Sua rejeição chegou a 55%, um aumento de 10 pp desde dezembro passado. Mas é salvo pelo gongo: nas simulações de segundo turno contra qualquer candidato, há entre 14% e 18% que desaprovam o

governo, mas ainda preferem votar em Lula. Entre 17% e 32% preferem anular ou se abster.

Tarcísio continua desconhecido por 42% dos eleitores; Ratinho, por 51%; Zema, por 61%; e Caiado, por 63%. Isso significa que o piso do adversário no segundo turno estará em torno de 30% dos votos. Segundo a pesquisa, Tarcísio (15%) e Michelle (14%) seriam os melhores nomes para substituir Bolsonaro na disputa com Lula. Marçal (11%) aparece em terceiro, junto com Ratinho Jr. (9%).

E o Sun Tzu com isso? De todos os possíveis adversários de Lula, aquele que tem mais a perder é Tarcísio de Freitas, com uma reeleição ao Palácio dos Bandeirantes ao alcance das mãos, ao contrário de Ratinho Jr., Zema e Caiado, que estão no segundo mandato. Com sua “sombra de futuro” maior do que a de qualquer outro, Tarcísio é o adversário a ser dissuadido por Lula, sem luta.